

BOUDICA DESBRAVANDO O TEMPO

BOUDICA BREAKING TIME

Tais Pagoto Bélo

RESUMO

Este trabalho fez parte da apresentação realizada no XIII Colóquio do Centro de Pensamento Antigo (CPA) & IV Semana de Estudos Clássicos do CEC-IEL, ambos ocorridos em novembro de 2015 pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Seu intuito era demonstrar o motivo pelo qual Boudica foi escolhida no século XIX como um dos símbolos nacionais da Inglaterra e como essa escolha estava ligada à corrida e às atividades femininas que se enquadraram no início do levante do movimento feminista durante esse período. Boudica foi uma rainha bretã da tribo dos iceni que liderou um exército contra o Império Romano no século I d.C. Seus atos inspiraram tanto as mulheres poderosas da Inglaterra, tais como Elizabeth I e Vitória, quanto as sufragistas do início do século XX, bem como as de épocas posteriores. Ela também esteve associada a um período de extremo nacionalismo para o Reino Unido, tendo em vista que sua figura estava diretamente relacionada com as raízes e glórias do passado desse grupo.

Palavras-chave: Boudica, mulheres, nacionalismo, britânicos, patriotismo

ABSTRACT

This work is part of the presentation done at the Thirteenth Conference of the Ancient Thought Centre (CPA) & IV Week of Classical Studies of the CEC-IEL, held in November 2015, at the Language Studies Institute, at Unicamp, and it had the intention to demonstrate why Boudica was chosen in the Nineteenth century as one of the national symbols of England, and how that choice was linked to women's race and their activities, which are framed by the beginning of the uprising of the feminist movement during this period.

Boudica was a Briton queen of the Iceni's tribe, who led an army against the Roman Empire in the first century A.D. Her actions inspired both powerful women in England, as well as Elizabeth I and Victoria, and as the suffragettes of the early Twentieth century and beyond. It was also related to a period of extreme nationalism to the UK, because her figure was directly linked to the roots and past glories of this group.

Keywords: Boudica, women, nationalism, British, patriotism

1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do uso, tanto no século XIX quanto posteriormente, da figura de Boudica, rainha bretã da tribo dos iceni que liderou um exército contra o Império Romano no século I d.C. Essa reação da rainha guerreira aconteceu depois que um oficial romano viu a morte de seu marido como uma oportunidade de adquirir glória, exigindo dela as terras de sua tribo. A negação desse pedido por ela resultou no episódio em que suas filhas foram violentadas e ela açoitada pelo inimigo. Esse ato teve como consequência a destruição, pelo exército de Boudica, dos assentamentos romanos de Camulodonum, Londinium e Verulamium (Bélo, 2014).

Depois de muitos anos do acontecimento desse episódio, as grandes mulheres da Inglaterra utilizaram a sua figura como símbolo de poder feminino. Como exemplo, pode ser citada Elizabeth I, que, em seu período, foi comparada com Boudica em obras de autores como Speed (1611), em

The history of Great Britaine, Heywood (1640), em *The exemplary lives and memorable acts of nine the most worthy women of the word*, e Holinshed (1577/1586), em *The Chronicles of England, Scotland and Ireland* (Bélo, 2014).

Outro exemplo de uso da figura da guerreira foi notado no século XIX, quando a rainha Vitória solicitou a construção da primeira estátua de Boudica, demonstrando um poder governamental feminino junto ao momento em que o Império Britânico estava em grande ascensão, o que levou os próprios britânicos a terem não somente uma concepção das grandes exposições, mas também a consciência de lembrar suas grandes glórias passadas (Webster, 1978). Em outras palavras, as pessoas passaram a observar e a interpretar os traços de sua história mais distante, a fim de servir às necessidades e aos interesses do presente (Van Dyke & Alcock, 2003; Bélo, 2014, p. 123).

Nesse contexto, percebe-se que durante o século XIX um palco de sentimentos relacionados ao patriotismo foi construído, o que resultou na criação de símbolos nacionalistas que permaneceram na memória coletiva inglesa, citando como exemplo a figura da rainha guerreira, Boudica, que teve sua imagem redescoberta e evocada em vários momentos, fazendo com que ela ficasse marcada em locais como Colchester, por exemplo, celebrando uma repetição quase obrigatória (Hobsbawm & Ranger, 1983; Bélo, 2014) de sua representação em momentos importantes da cidade.

2 – TEMPO, CRISE E OPORTUNIDADE

Tanto o auge do Império Britânico como as oportunidades que acarretaram um movimento nacionalista profundo no século XIX resultaram de passadas crises e suas superações. Os consecutivos colapsos se iniciaram quando os ingleses foram vencidos pelos franceses e seus colonizados

americanos durante a guerra de independência desses últimos. Os ingleses mal tinham se recuperado dessa derrota quando logo entraram em conflito com a França napoleônica (Colley, 1996, p. 157-159).

A crise provocada pelos incessantes momentos de guerras afetaram também os homens de negócios da Inglaterra e o poder dessa elite, principalmente daqueles grandes proprietários de terras (Colley, 1996, p. 161). De acordo com a autora, *“wars were fought, taxes were inflated, policy was distorted and jobbery multiplied, all so that this oligarchy might grow fat”* (Colley, 1996, p. 162). Ainda segundo essa autora, esses donos de terras eram vistos como uma classe parasita da nação, e não como parte dela, além de se considerarem líderes naturais, por descendência sanguínea, e não algo que era reconhecido (Colley, 1996, p. 163) ou democratizado, como, por exemplo, escolhido através de eleições pelo povo.

Essa crise fez com que a elite periférica, também chamada elite celta, composta por galeses, escoceses e irlandeses, tivesse a oportunidade de se aproximar do centro de poder político britânico. De acordo com Sir Ronald Syme, essa elite poderia ajudar a moderar a crise, revigorando a estrutura de poder do Império Britânico e forjando uma unidade genuína da classe governamental (Colley, 1996, p. 166).

Outro agravante para esse grupo social foi que, desde o final do século XVII até por volta de 1770, as elites inglesa, galesa, irlandesa e escocesa passaram por uma cruel crise demográfica. Segundo Colley (1996), não se sabe ao certo o motivo, mas muitos proprietários de terras não se casaram e aqueles que o fizeram não tiveram herdeiros homens, o que ocasionou situações como: extinção de algumas famílias, repasse de títulos para primos distantes ou para o lado feminino da família, bem como posses vendidas (Colley, 1996, p. 166-167). Nesse momento, também ocorreu uma massiva

transferência de terras por herança e por compra, aumentando, assim, a rentabilidade das terras e os casamentos entre a elite celta e a inglesa (Colley, 1996, p. 172).

Essa crise foi retratada pela autora Jane Austen (1813), ao descrever uma família com cinco irmãs, as quais passam pela espera de um marido da alta aristocracia britânica, havendo também uma ênfase acentuada nos militares, tendo em vista que a filha mais nova se casa com um rapaz militar e as duas mais velhas se casam com rapazes da elite do norte da Inglaterra.

Essa movimentação da elite celta para o centro de poder fez com que esse grupo passasse a ter mais evidência dentro do parlamento britânico, posto que algumas personalidades assumiram papéis relevantes na política, como o irlandês Lord Palmerston, que se tornou ministro em 1855, não hesitando, ele próprio, em se denominar um inglês (Colley, 1996, p. 174).

A nata britânica começou a ficar mais unida e a consolidar sua própria posição social e primazia política, como também a influenciar a questão do que era ser britânico e tudo em que essa posição era baseada, além de participar de escolas públicas; caçadas de raposas; culto ao heroísmo militar, de um tipo único masculino; da crença de que o Estado fazia parte de sua herança patrimonial; e de um amor por uniformes, características que mostram componentes da vida britânica e ainda hoje fazem esse grupo lembrar de seu poder (Colley, 1996, p. 207) e de sua origem.

3 – AS MULHERES DIANTE DESSE CONTEXTO

Em celebrações cívicas na Grã-Bretanha, as mulheres sempre participavam de forma anônima, vestidas de personagens fictícios, como a Liberdade, ou a Britannia. A partir de 1814 e 1815, elas passaram a proclamar que também eram patriotas e que poderiam contribuir para a prosperidade e o

progresso. Essa atitude fez com que a comunidade começasse a questionar qual o papel da mulher na sociedade. Nesse contexto, foram publicadas obras dirigidas diretamente a essas atitudes, como, por exemplo, o livro *The Laws Respecting Women* (1777) (Colley, 1996, p. 252), que destacava que “*She can’t let, set, sell, give away, or alienate any thing without her husband’s consente. Her very necessary apparel, by the law, is not her’s in property*” (Bristol, 1777, p. 65; Colley, 1996, p. 252).

Naquele tempo, todas as mulheres, menos a rainha, estavam sob a autoridade legal de seus maridos e não podiam ser consideradas cidadãs diante dos direitos políticos vigentes (Colley, 1996, p. 252 – 3). Alexander (1779), citado por Colley (1996), mencionou em sua obra que “*we neither allow women to officiate at our altars, to debate in our councils, nor to fight for us in the field*” (Alexander, 1779, p. 336; Colley, 1996, p. 253). As mulheres, ao mesmo tempo que podiam ser punidas por conspirarem contra o Estado, não tinham o direito de fazer parte de atividades patrióticas. Todavia, elas podiam possuir algumas propriedades em seus nomes, mas não era permitido que votassem (Colley, 1996, p. 253).

Uma das obras que demonstraram os anseios pelos direitos das mulheres dessa época foi *Vindication of the Rights of Woman* (1792), escrita por Mary Woolstonecraft, que marcou a primeira onda feminista e foi editada sob a influência da filosofia da política liberal do século XVIII, baseando-se nos direitos políticos igualitários e nas oportunidades econômicas para as mulheres. Desde o primeiro momento, o racionalismo foi utilizado como fundamento para a atribuição desses direitos às mulheres, isto é, o argumento usado pelas feministas era o de que as mulheres e os homens tinham a mesma capacidade de raciocínio. Esse movimento gerou diversas mudanças na situação delas, além de ter dado origem ao sufrágio em 1920. Diante

disso, elas conseguiram liberdade reprodutiva, maior acesso à educação e, muito posteriormente, realização profissional (Cudd & Andreasen, 2005; Bélo, 2014, p. 17 - 8).

Entretanto, antes dessas conquistas, a proposta da Grã-Bretanha era incentivar as mulheres a serem mães, de modo a deixá-las ocupadas e contê-las com os serviços domésticos. Contudo, a crise no campo fez com que, principalmente, as mulheres menos abastadas se dirigissem às cidades, formando a maioria da população urbana e ocupando posições como empregadas, vendedoras, garçonetes, mendigas e prostitutas. Por outro lado, para as mulheres bem abastadas, as cidades eram lugares que proporcionavam o contato delas com o teatro, salas de assembleias, bibliotecas, salas de concertos, praças elegantes, entre outros. A ida dessas mulheres para a cidade trouxe a elas o contato com novas ideias (Colley, 1996, p. 255-256) e com outras mulheres, o que garantiu novas atitudes em suas vidas.

A primeira campanha, depois da guerra contra os Estados Unidos da América, para se eleger membros do parlamento ocorreu em 1784 e foi marcada pela tomada de posição de ideias feministas argumentadas mediante discursos, cantigas e panfletos. Contudo, uma mulher chamou a atenção durante essa campanha. Seu nome era Georgiana, duquesa do condado de Devon. Ela era fortemente ligada ao partido Whig (atual partido dos trabalhadores) e atuava como anfitriã em Londres, passando cartas e rumores entre o então candidato Charles James Fox e o príncipe do País de Gales (Colley, 1996, p. 258).

Nesse contexto, ela estava apenas executando um papel que outras mulheres de sua classe social também desempenhavam, às quais era permitido ter um certo grau de influência política por trás das cenas, porém

com um homem (pai, irmão ou marido) a tiracolo. Contudo, Georgiana passou a se movimentar por si só dentro desse ambiente e ainda a apoiar Charles James Fox, considerado um líder de oposição, um crítico da monarquia e defensor do sufrágio. Sua vantagem diante da eleição resultava do fato de ele ser considerado um homem do povo, um reformador e um democrata (Colley, 1996, p. 259-260).

As atitudes de Georgiana no suporte ao candidato ultrapassaram as portas de sua casa e ela foi acusada de ser amante de Fox. Nesse cenário, ela passou a ser uma figura presente nas charges dos cartunistas da época (Colley, 1996, p. 259-260). Contudo, mesmo quando Fox foi eleito definitivamente um membro do parlamento, Georgiana não teve permissão de abraçar, juntamente com as outras mulheres, a causa patriota, conforme ocorria com os homens. Essa questão abriu portas para uma importante polêmica sobre a posição das mulheres no Reino Unido e em outros lugares após a Revolução Americana (Colley, 1996, p. 261).

Entretanto, depois desse episódio, percebeu-se, por meio das diferentes mídias da época, artes e discursos, a necessidade de excluir as mulheres da vida pública definitivamente. Em 1778, a *House of Commons* já tinha barrado as mulheres de ouvirem os debates da galeria ou do pavimento. Além disso, a *Reform Act*, de 1832, especificou a proibição do voto feminino, mesmo que esse ato já tivesse sido reprimido antes. Contudo, nada disso fez com que as mulheres deixassem de exercer seu ativismo patriótico pela nação, aumentando, cada vez mais, sua participação em celebrações, e de desempenhar seu papel político de certa forma (Colley, 1996, p. 262-263).

3.1 – A FRANÇA E OS MODOS INGLESES

Segundo Colley (1996), era comum escritores britânicos se oporem às características e maneiras dos franceses, o que incluía as condutas femininas, as quais tinham que ser evitadas no Reino Unido. Desde quando a Monarquia Absolutista se instalou na França, as mulheres podiam usar sua notoriedade na corte para se engajar em intrigas políticas de reis e ministros, muito diferente do que acontecia em territórios britânicos, fato que era repleto de concepções preconceituosas acerca do papel da mulher na sociedade (Colley, 1996, p. 264-265).

Nessa esfera contra a postura das francesas, Maria Antonieta foi a mais criticada e crucificada pelos seus atos nada convencionais para a época. Em virtude do seu comportamento, cresceu cada vez mais no Reino Unido a campanha da boa conduta, particularmente para as mulheres, com a publicação de livros sobre como uma mulher deveria se comportar, como a obra *Enquiry into the Duties of the Female Sex*, de Thomas Gisborne (1797), além de sermões, discursos religiosos, artigos de revistas e outros que insistiam que a ordem e a estabilidade política necessitavam da manutenção da separação dos sexos (Colley, 1996, p. 267).

Contudo, o que se verificava era a atitude das mulheres agindo completamente ao contrário. Elas começaram a se tornar cada vez mais envolvidas na vida pública e em atividades patrióticas, nas quais questionavam o ato de guerra como algo errado e opressivo. Entretanto, um dos acontecimentos mais marcantes para as britânicas foi a morte de Maria Antonieta na guilhotina, fato chocante que não acontecera desde as mortes das mulheres de Henrique VIII (Colley, 1996, p. 268 - 9), como aquela de Ana Bolena.

Maria Antonieta foi presa, julgada e executada. Conforme Colley (1996), cada etapa até chegar ao seu fim foi feita de forma profundamente estressante, muito mais do que com seu marido, Luís XVI. A rainha francesa foi acusada de corrupção, infidelidade, lesbianismo e incesto com o próprio filho (Colley, 1996, p. 269-270).

Além disso, depois de duas semanas da execução de Maria Antonieta, em 1793, o governo francês banuiu todas as associações políticas de mulheres. Em 1804, foi demonstrado pelo Código Napoleônico o reforço à autoridade de maridos e pais sobre suas esposas e filhas (Colley, 1996, p. 270).

No entanto, a imagem de Maria Antonieta se abateu, na Inglaterra, sobre a imagem, atos e julgamentos feitos à Carolina, casada com George IV, príncipe do País de Gales – um casamento arranjado a respeito do qual logo começaram a aparecer rumores de que ela tinha sido pega em uma sucessão de escândalos sexuais e acabou saindo do país para ficar com seu amante italiano. Entretanto, quando seu marido veio a ser coroado, Carolina decidiu voltar à Inglaterra para clamar sobre sua posição de esposa. Contudo, seu marido insistiu em colocá-la em julgamento por adultério, mas para pagar suas transgressões ela teria que dar sua própria vida (Colley, 1996, p. 279).

Todavia, tirar a vida de mais uma mulher não foi tão fácil assim, pois, depois do ocorrido com Maria Antonieta, milhares de mulheres britânicas se juntaram em apoio à Carolina, tornando essa uma causa voltada às mulheres, as quais clamaram pelo divórcio. Elas temiam que a morte da mulher do rei pudesse servir de exemplo para as outras mulheres adúlteras e, assim, o adultério se tornaria a causa da morte de várias outras, julgamento que não cabia quando um homem era o adúltero (Colley, 1996, p. 279-281).

De acordo com Colley (1996), depois que Carolina foi salva pelas britânicas, as quais até organizaram um abaixo-assinado por essa causa,

ainda houve a inabilidade de George IV tolerar sua esposa para conseguir gerar herdeiros com ela. Transcorrido um longo período, Vitória foi escolhida para suceder o trono em 1837, ocorrendo uma feminização da monarquia britânica, o que foi muito importante para o movimento das mulheres (Colley, 1996, p. 284) nesse momento.

Sem sombra de dúvidas, a posição, o efeito e a postura da mulher mudaram muito em menos de meio século, depois da batalha da Grã-Bretanha contra os Estados Unidos da América. Todavia, devido a essas novas atitudes femininas, a tentativa de tirar delas as oportunidades de fazerem parte da vida pública (Colley, 1996, p. 295) tornou-se ineficaz. Entretanto, a mudança da idealização monárquica da família real, com a presença de Vitória no poder, contribuiu para uma transformação também diante das mulheres. Essa modificação fez com que essas mulheres desejassem fazer parte da vida pública, saindo cada vez mais de casa e sendo expostas a novas ideias, aos novos tipos de patriotismo, às novas associações políticas e aos novos tipos de trabalhos remunerados. Essa foi a primeira oportunidade em que as mulheres procuraram expressar suas demandas e seus direitos de serem britânicas (Colley, 1996, p. 295-296).

4 – A ANTIGUIDADE INVADINDO O SÉCULO XIX

Depois da vitória britânica sobre os franceses, na batalha de Trafalgar, pelo general Nelson, houve a tomada de um profundo nacionalismo em que o dever por celebrar as vitórias militares e navais influenciou até os currículos escolares e universitários, os quais foram embebidos de conteúdo clássico, enfatizando os autores antigos, gregos e romanos, que explanavam sobre histórias de guerras, impérios, bravura e sacrifício pelo Estado, além da apreciação pelo heroísmo masculino (Colley, 1996, p. 181).

O culto ao heroísmo e ao serviço prestado ao Estado funcionava como uma propaganda para a elite britânica. Os aristocratas tinham uma tradição militar muito eloquente, pois isso lhes dava trabalhos, ou, mais importante, um propósito para realizar aquilo para o qual tinham se preparado durante a vida toda, assim como andar a cavalos, usar armas de fogo, utilizar sua coragem e dizer para os outros o que fazer, com um arrogante senso de expansão britânica, um orgulho sobre a nação e sobre o sangue (Colley, 1996, p. 193). De acordo com essa autora, *“far from being confined to the military sphere, the cult of heroism was used to embellish the higher echelons of civilian service to the state as well”* (Colley, 1996, p. 202).

Contudo, as celebrações estavam voltadas para sociedades que, naquele momento, não eram mais as mesmas das do passado antigo, o que levou ao início da ênfase de uma celebração ao próprio Império Britânico, com seus próprios heróis, de suas próprias raízes. Dessa forma, foram surgindo autores como William Cowper (1792/1980), por exemplo, que, pela presença da monarquia de Vitória, promoveu um poema enfatizando a rainha guerreira bretã, com o título de seu próprio nome, *Boadicea* (Colley, 1996, p. 182), estando uma das frases desse poema estampada na estátua da guerreira em Westminster – *“Regions Caeser never knew thy posteriority shall sway”* (Bélo, 2014, p. 104).

Essa estátua foi construída a pedido da própria rainha Vitória, uma vez que Boudica quer dizer Vitória, ou, mais especificamente, em galês moderno seria *buddug*, nome da rainha guerreira celta, que nos escritos latinos de Tácito passou a ser Boudica, com o acréscimo do ‘c’, embora seja provável que seu nome fosse originalmente pronunciado *Bowdeekah*, tendo no período medieval tardio passado à forma de *Boadicea* (Fields, 2011; Webster, 1978; Davies & Robinson, 2009; Bélo, 2014, p. 123).

O ato de Vitória junto à estátua de Boudica levou os Vitorianos a sentirem uma afinidade especial pela rainha da Idade do Ferro. Dessa forma, as pessoas passaram a observar e interpretar traços do seu passado mais distante, a fim de servir às necessidades e aos interesses do presente (Van Dyke & Alcock, 2003; Bélo, 2014, p. 123).

Assim como a rainha Elizabeth I, a rainha Vitória utilizou a força dessa personagem como símbolo de liderança feminina, solicitando a construção dessa estátua em homenagem à guerreira, a qual foi erigida em Londres, pelo artista Thomas Thornycroft, às margens do rio Tâmisa, em frente ao Parlamento britânico, em oposição ao Big Ben (Bélo, 2014, p. 124).

O artista dessa escultura e mesmo o príncipe Albert, que deu apoio à sua construção, morreram antes que ela ficasse pronta (Webster, 1978). Sendo assim, a obra acabou não recebendo financiamento suficiente para o banho final de bronze, de modo que a prefeitura de Londres teve de formar um comitê público para a arrecadação de verbas para terminá-la. Os principais donatários foram membros da realeza inglesa, acadêmicos, jornalistas, políticos e ricos senhores galeses (Hingley, 2000; Pinto, 2011). Esses últimos pareceram reconhecer Boudica muito mais como uma figura bretã do que inglesa. Eles mesmos, mais tarde, teriam a imagem da guerreira em Cardiff, País de Gales (Pinto, 2011; Bélo, 2014, p. 125).

A estátua de Boudica de Westminster e a reforma da prefeitura de Colchester foram entregues durante o ano de 1902. Na parte exterior desse último prédio, encontram-se várias estátuas, todas esculpidas por L. J. Watts, dentre elas algumas santidades, como o arcebispo Samuel Harsnett, e outras obras que representam a engenharia industrial, a defesa militar e a indústria da pesca da cidade, além do rei Eduardo, o mais Velho, que está ao lado de outra estátua de Boudica, de frente para a rua Stockwell (Green, 1997; Bélo, 2014, p. 155).

Ainda, a sala principal do prédio, *The Moot Hall*, possui três vitrais, em que o do meio, o mais importante para este trabalho, é chamado *The Queens Window* e é composto pelas ‘mulheres de Colchester’, em comemoração a todas as rainhas que visitaram a cidade ou foram a ela associadas, desde Boudica até a rainha Vitória. Essa obra foi presenteada pelas *Ladies of the Borough*, sob a liderança da presidente do Comitê, Emily Sanders, a qual ocupou o posto de primeira-dama de 1898 a 1899 (Aldhouse-Green, 2006; Bélo, 2014, p. 155).

Além da Inglaterra, o País de Gales abriga outra estátua de Boudica na prefeitura de Cardiff, que foi ali colocada quando Lord Rhondda de Llanwern deu de presente algumas estátuas, as quais custaram cerca de 15,000 libras. Os heróis esculpidos, por diferentes artistas, foram escolhidos após uma consulta à qual o povo galês foi convidado para dar sua sugestão. A estátua de Boudica foi uma das escolhidas, tendo sido colocada, com outros heróis, no saguão denominado *The Marble Hall*, inaugurado pelo atual Secretário da Guerra do Império Britânico, David Lloyd George, no dia 27 de outubro de 1916 (Bélo, 2014, p. 138).

Boudica é a única heroína entre outros heróis, além de santidades, oficiais de guerras napoleônicas, reis medievais, poetas e líderes, que se rebelaram contra o controle inglês. A construção dessa estátua aponta-a como um símbolo de resistência a um inimigo, seja romano, seja inglês. A importância dessa figura para os galeses decorre do fato de que os senhores galeses apoiaram o término da estátua de Londres (Pinto, 2011; Bélo, 2014, p. 138).

Posteriormente, Colchester recebeu uma nova estátua que foi construída pelo artista Jonathan Clarke, em alumínio, no ano de 1999, e colocada próxima à rotatória da estação de trem de Colchester. Sua construção

foi encomendada pelo tradicional supermercado britânico ASDA, no mesmo período em que estava sendo comprado pela rede norte-americana *Walmart* sob duras críticas nacionalistas (Pinto, 2011; Bélo, 2014, p. 147).

A própria escrita é um método equivalente à conservação, mas quando há personificação, ou quando algo se torna um objeto, o efeito sentimental para a eternização do que se torna material é muito mais intenso e duradouro. Portanto, a escolha do que se perpetua deve primeiramente ter fácil aceitação social, e a intenção de transmissão deve ser marcadamente pautada por um passado de origem desse grupo, o qual tem seu significado justificado para o grupo, cujo passado, geralmente, é marcado por ter sido conflituoso (Bélo, 2014, p. 220).

5 – AS LEMBRANÇAS DE BOUDICA

A memória histórica, aquela escrita por historiadores, é muito mais difícil de se difundir do que a memória coletiva. Segundo Halbwachs (1925/1994), a memória histórica seria mais uma memória emprestada, aprendida, escrita, pragmática, longa e unificada, ao passo que a memória coletiva seria uma memória produzida, vivida, oral, normativa, curta e plural. Dessa forma, se Boudica encontra-se na memória coletiva dos britânicos, ela ultrapassa o campo de aprendizado em escolas, museus e pesquisas acadêmicas, estando já intrincada na mente e consciência desse grupo. Pode-se dizer, assim, que a memória é composta por detalhes, nutre-se de lembranças vagas, globais e flutuantes, particulares e simbólicas, sensíveis a todas as formas de projeções, integrando-se nas estratégias identitárias (Candau, 2011; Bélo, 2014, p. 220).

A memória das tragédias contribui para definir o campo do memorável, constituindo-se assim uma memória forte. Essa é a memória dos sofrimentos,

dolorosa, do infortúnio (Candau, 2011), a qual coloca em pauta questões polêmicas. A história de Boudica se encaixa justamente nesse tipo de memória, iniciando-se pelo tema do preconceito e da violência contra as mulheres. O açoitamento de Boudica e, sobretudo, o estupro de suas filhas são assuntos que percorrem o mundo da mulher desde tempos remotos até os dias atuais (Bélo, 2014, p. 220-221).

Com base nas lembranças de Boudica, foi elaborada uma pesquisa através de entrevistas a respeito da personagem com a população de cidades da Inglaterra e do País de Gales. O motivo da escolha de cada cidade foi baseado no fato de Boudica ter feito parte da história de cada local e/ou possuir algum objeto que a celebre. Os locais do passado podem fornecer insights em relação aos valores de antigamente e como as percepções e significados foram transformados ao longo do tempo (Low, 2002: 32).

Sendo assim, as entrevistas tiveram início na cidade de Norwich, lugar marcado pela instalação de Boudica e sua tribo; depois Colchester, que foi o primeiro assentamento romano que Boudica destruiu; logo após, Londres, segundo assentamento que a rainha guerreira destruiu; e St. Albans, último assentamento destruído por ela; Cardiff, capital do País de Gales, foi escolhida por abrigar no prédio da prefeitura da cidade uma estátua da personagem com suas duas filhas.

Uma das questões a serem feitas para o entrevistado foi se ele já havia ouvido falar sobre Boudica, proporcionando uma resposta diretamente ligada à lembrança da personagem pelo entrevistado. Dessa forma, os resultados foram os seguintes:

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DE BOUDICA OU BOADICEA?

IDADE	SIM		NÃO		TOTAL	
	(%)	N	(%)	N	(%)	N
18-24	9.6	48	8.8	44	18.4	92
25-34	8.0	40	6.4	32	14.4	72
35-44	9.0	45	1.0	5	10.0	50
45-54	14.8	74	2.4	12	17.2	86
55-64	12.4	62	2.2	11	14.6	73
65-74	14.4	72	1.8	9	16.2	81
75 ou mais	8.4	42	0.8	4	9.2	46
Total	76.6	383	23.4	117	100	500

A idade das pessoas revelou-se como um fator que influenciou nas respostas dessa questão ($\chi^2= 72.895^{**}$), uma vez que os mais novos, entre 18 e 24 anos e entre 25 e 34 anos, representaram o grupo que apresentou a maior quantidade de respostas negativas. O conhecimento sobre Boudica parece ter aumentado para os grupos de pessoas de 35 anos em diante. Contudo, nos grupos de pessoas entre 35 e 44 anos e de 75 anos em diante, pode-se notar que as respostas positivas não são altas. Entretanto, se comparado o total de pessoas de cada grupo – 50 e 46, respectivamente –, pode-se concluir que há uma grande discrepância entre eles: 45 respostas positivas contra 05 respostas negativas, e 42 ‘sim’ para 04 ‘não’. Dessa forma, conclui-se que existe uma grande diferença entre a quantidade de respostas afirmativas e negativas: 8% e 7.6%, respectivamente. Além disso, os dois grupos de jovens apresentam 0.8% para respostas afirmativas e 1.6% para respostas negativas.

Considerando esse resultado em que os jovens sabem menos do que os mais velhos sobre Boudica, deve-se ter em mente que cada comunidade deveria ser responsável por acompanhar e tomar as responsabilidades por sua herança cultural. Entretanto, as fronteiras da comunidade estão em constantes mudanças, fragmentando e adicionando novos valores e perspectivas, enquanto o passado é continuamente reinterpretado, ou melhor, criado. A comunidade responsável por gerar certos elementos da herança cultural nunca é idêntica àquela que mais tarde irá clamar por esse passado. A identidade é dinâmica e moldada por conflitos contemporâneos e antigos (Silberman, 2015, p. 2).

Apesar desse panorama, foi confirmado que a memória sobre Boudica ainda sobrevive. Dessa maneira, elaborou-se uma questão voltada para saber quais são os vetores mais responsáveis pela divulgação dessa lembrança.

ONDE FOI A PRIMEIRA VEZ QUE VOCÊ OUVIU SOBRE ELA?

	ESCOLA		MUESEU		INTERNET		TV		PREFEITURA		NÃO SE LEMBRA		OUTROS		TOTAL	
	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N
NORWICH	16.44	63	1.04	4	-	-	0.78	3	-	-	1.58	6	0.52	2	20.36	78
COLCHESTER	17.75	68	2.87	11	-	-	0.52	2	0.26	1	-	-	1.58	6	22.97	88
LONDON	14.62	56	0.52	2	1.56	6	0.78	3	-	-	0.78	3	3.65	14	21.93	84
ST. ALBANS	16.44	63	0.26	1	-	-	0.78	3	-	-	-	-	0.52	2	18.01	69
CARDIFF	12.79	49	0.26	1	-	-	1.04	4	0.52	2	0.52	2	1.56	6	16.71	64
TOTAL	78.06	2099	4.96	19	1.56	6	3.91	15	0.78	3	0.78	3	7.83	30	100	383

*Resultado final das respostas positivas.

Os resultados demonstram que as escolas são os principais vetores de propagação da lembrança e manutenção da figura de Boudica, na medida em

que 78.06% das pessoas entrevistadas ouviram pela primeira vez sobre ela na fase escolar. Entretanto, isso não significa que os museus não possuam um papel significativo nessa atividade, ou seja, foi observado por este estudo que as escolas ensinam sobre Boudica e os estudantes são levados aos museus das cidades para que o ensino acerca desse assunto seja complementado.

Os vetores – escolas e museus – não trabalham com a lembrança meramente como a reconstituição da imagem do evento do passado, mas, ao contrário, a reconstrução deve iniciar-se compartilhando os dados e/ou concepções, desde que eles sejam continuamente transmitidos, e esse processo somente ocorre pelo motivo de que eles ainda estão e são pertencentes a esse mesmo grupo (Halbwachs, 2004: 31).

Outra parte da entrevista considerou Boudica ligada às causas das mulheres, pois algumas mulheres, como Elizabeth I e mesmo a própria Margaret Thatcher, sofreram com comentários sobre suas ações cruéis tomadas durante seus governos e muitas vezes foram comparadas diretamente com Boudica, sem considerar o uso da rainha guerreira em celebrações e reivindicações pelas sufragistas no início do século XX e até os dias de hoje.

A questão relacionada a esse tema era se o entrevistado considerava que o nome de Boudica estava atualmente voltado para as causas das mulheres e a outra questão estava relacionada com o fato de se o entrevistado via Boudica como uma mulher masculinizada.

VOCÊ ACHA QUE O NOME DE BOUDICA É LIGADO HOJE ÀS CAUSAS DAS MULHERES?

	SIM		NÃO		TOTAL	
	(%)	N	(%)	N	(%)	N
NORWICH	5.22	20	15.14	58	20.36	78
COLCHESTER	2.87	11	20.10	77	22.97	88
LONDON	4.43	17	17.49	67	21.93	84
ST. ALBANS	2.61	10	15.40	59	18.01	69
CARDIFF	4.69	18	12.01	46	16.71	64
TOTAL	19.84	76	80.15	307	100	383*

*Resultado final das respostas positivas.

VOCÊ ACHA QUE ELA ERA UMA MULHER MASCULINIZADA?

	YES		NO		TOTAL	
	(%)	N	(%)	N	(%)	N
NORWICH	5.22	20	15.14	58	20.36	78
COLCHESTER	8.09	30	14.88	57	22.97	88
LONDON	11.48	31	10.44	40	21.93	84
ST. ALBANS	9.66	37	8.35	32	18.01	69
CARDIFF	9.13	35	7.57	29	16.71	64
ALL	43.60	167			100	383*

*Resultado final das respostas positivas.

Dentre as entrevistas, que foram feitas em cidades onde Boudica fazia parte da história e/ou possuíam uma estátua sua, observou-se que, em Norwich, 20 pessoas a associaram com as causas das mulheres e 20 a consideraram como uma mulher masculinizada; em Colchester, 11 pessoas acreditam que ela está ligada à causa das mulheres e 31 a veem como

uma mulher masculinizada; em Londres, 17 pessoas a relacionaram com a primeira questão e 44 pessoas a acham masculinizada; em St Albans, 10 a associaram com a causa das mulheres e 37 a compreendem como uma mulher masculinizada; por fim, em Cardiff, 18 pessoas declararam que ela está associada à causa das mulheres e 35 a caracterizaram como uma mulher masculinizada. Assim, houve um total de 76 pessoas que a relacionaram às causas das mulheres e 167 que a conceberam como uma mulher masculinizada.

Nesse caso, é significativo que, de 500 pessoas entrevistadas, 100 em cada localidade, apenas 76 pessoas a associaram às causas femininas, além de 167 pessoas a caracterizarem como uma mulher masculinizada, em um momento em que as mulheres já passaram a sair de suas casas para estudar, trabalhar, junto com os homens, em cargos superiores aos deles, muitas vezes liderando-os; também, em um período em que as questões de gênero estão sendo debatidas para que possa haver uma liberdade de pensamento cada vez mais aberta em relação à diversidade.

6 – CONCLUSÃO

Boudica possui todas as características para ser utilizada como um símbolo nacional e, já que apresenta uma coerência social dentro de um determinado grupo, estabiliza e legaliza instituições, status ou relação de autoridade. O principal propósito de sua figura é a socialização, embebida de crenças, sistemas de valores, geradora de comportamentos e, além disso, trata-se de um elemento antigo (Hobsbawm & Ranger, 1983), o qual tem por intuito definir as raízes do grupo. Ela apresenta uma linguagem elaborada que faz parte de práticas simbólicas, e a comunicação da imagem é sempre acessível (Bélo, 2014, p. 222).

A personificação de Boudica pela cultura material é um exemplo de como as coisas são materializadas e dependem da linguagem das concepções, da experiência e das relações de poder, as quais convergem em uma experiência particular (Thomas, 1999) e coletiva. Não cabe imaginar que a significância da cultura material seja fixa e imutável (Thomas, 1999) e, por essa razão, Boudica é recriada de tempos em tempos, fazendo com que existam inúmeras Boudicas (Bélo, 2014, p. 222).

A personificação de Boudica durante o século XIX e início do século XX deu origem, por meio das estátuas e do vitral, à consciência da existência da guerreira. Os britânicos perceberam, então, seu volume, sua estrutura física, seus movimentos no espaço e sua existência subjetiva, constituindo-se como um patrimônio cultural, pois a heroína está imbricada em identidades sociais e resulta em uma ligação direta com as políticas de Estado nacional e, ainda, levanta questionamentos no quadro da defesa da diversidade. Desse modo, está voltada para a nação ou para o que representa a nacionalidade, sendo proclamada em monumentos, edifícios e textos escritos (Bélo, 2014, p. 223).

De acordo com Halbwachs (1996), quando a consciência é descoberta pela sociedade, ela (a consciência) é a própria descrição dessa última, e o que a envolve é todo um conjunto formado por linguagens, ordem, instituições, presenças e 'tradições' humanas, as quais se tornam possíveis à consciência de cada ser humano. Contudo, por mais que essa consciência seja coletiva, ela influencia, de certo modo, a individualidade, ou seja, forma uma memória coletiva que de alguma maneira irá influenciar a memória individual de cada componente do grupo, o qual observa os símbolos que o envolvem como algo popular e impossível de esquecer. Nesse sentido, pode-se afirmar que, se a memória coletiva fosse uma série de datas e fatos históricos, ela

desempenharia apenas um papel secundário (Halbwachs, 1996; Bélo, 2014, p. 223).

BIBLIOGRAFIA

- ALDHOUSE-GREEN, M. 2006. *Boudica Britannia*. London: Pearson Longman.
- ALEXANDER, W. 1779. *The history of women, from the earliest Antiquity to present time*. 2 vols, II, p. 336.
- AUSTEN, J. 1813. *Pride and prejudice*. London: T. Egerton
- BÉLO, T. P. 2014. *Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder*. Doutorado apresentado no programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Departamento de História, especialização em História Cultural.
- BRISTOL, E. C. 1777. *The laws respecting women: as they regard their natural rights or their connections and conduct*. London: J. Johnson.
- CANAU, J. 2011. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- COLLEY, L. 1996. *Britons: forging the nation, 1707 – 1837*. London: *A Vintage Book*.
- COWPER, W. 1792/1980. *Boadicea: an ode*. In: J. D. Baird and C. Ryskamp (ed.) *The poems of William Cowper*, Oxford, Clarendon Press. 1:1748 – 82, 431 – 32.
- CUDD, A. E. & Andreasen, R. O. 2005. *Feminist Theory*. Oxford: Blackell Publishing.
- DAVIES, J & Robinson, B. 2009. *Boudica: her life, times and legacy*. Cromer: Poppyland Publishing.
- FIELDS, N. 2011. *Boudicca's rebellion AD 60 – 61: the Britons rise up against Rome*. Oxford: Osprey Publishing.
- GISBORNE, T. 1797. *Enquiry into the duties of female sex*. London: T. Candell Jun and W. Davies.

- GREEN, O. 1997. *The town hall: Colchester*. Colchester: Colchester Borough Council and Jarrold Publishing.
- HALBWACHS, M. 1925/1994. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel.
- _____. 1996. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- _____. 2004. *The collective memory*. New York: Harper & Row Publishers.
- HEYWOOD, T. 1640. *The exemplarary lives and memorable acts of nine the most worthy women in the world*. London: Thomas Cotes.
- HINGLEY, R. 2000. *Roman officers and English gentlemen: the Imperial origins of Roman archaeology*. London: Routledge.
- HOBBSAWM, E & Ranger, T (eds.). 1983. *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOLINSHED, R. 1577/1586. *The chronicles of England, Scotland and Ireland*. Newlie Augemented and continued by John Hosker + V. Gent and others. Place of publication and publisher unspecified. Firs published 1577.
- LOW, S. M. 2002. Antropological-Ethnographic methods for the assessment of cultural values in heritage conservation. In: Torre, M. de la (ed.). *Assessing de values of cultural heritage*. The J. Paul Getty Trust: Los Angeles.
- PINTO, R. 2011. *Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Departamento de História, área de concentração em História Cultural.
- SILBERMAN, N. 2015. Remembrance of things past: Collective Memory, Sensory Perception, and the Emergence of New Interpretive Paradigms. In: *Proceedings of 2nd International Conference on best practice in World Haritage: people and communities*. Monarca, Spain, 29 – 30 Abril, 1 - 2 May.

- SPEED, J. 1611. *The history of Great Britaine under the conquests of ye romans, saxons, danes and normans*. London: Iohn Sudbury & Gorg Hunble.
- THOMAS, J. 1999. A materialidade e o social. In: *Revista do museu de arqueologia e etnologia*. São Paulo, Suplemento 3: 15 – 20.
- VAN DYKE, R. M. & Alcock, S. E. 2003. Archaeologies of memory: An introduction. In: *Archaeologies of memory*. Edited by Van Dyke, R. M. & Alcock, S. E. Malden: Blackwell Publishers.
- WEBSTER, J. 1978. *Boudica: the British revolt against Rome AD 60*. London: Batsford.
- WOLLSTONECRAFT, M. 1792. *A vindication of the rights of woman*. Boston: Peter Edes.

